

# METÁFORA CONCEPTUAL E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – libras

*Paula Helouise Oliveira (UERJ)*  
[olivpaula@gmail.com](mailto:olivpaula@gmail.com)

## ***1. Introdução***

A linguagem está presente nos homens, nos animais e na natureza em geral; e a ciência tem dado cada vez mais espaço às investigações envolvendo este assunto em sua procura por entender melhor o homem e seus mecanismos cerebrais, sua vida como indivíduo em si e como ser social. A linguística cognitiva, ciência focada neste trabalho, surgiu como uma nova vertente para os estudos da linguagem. Levam-se em conta os aspectos cognitivos envolvidos na significação e a influência do contexto para a compreensão/produção da linguagem. O trabalho aqui apresentado tem por finalidade analisar as peculiaridades que os indivíduos surdos apresentam na comunicação, considerando-se as manifestações metafóricas e particularidades apresentadas por tais indivíduos no processo de conceptualização.

Consideraremos a definição de metáfora proposta por Lakoff e Johnson (1980), segundo a qual as metáforas são conceptuais por natureza e são um dos nossos maiores caminhos para o entendimento. As metáforas presentes na língua são uma manifestação da maneira como entendemos e conceptualizamos determinados conceitos. Trata-se de uma operação cognitiva, na qual empregamos um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com nosso próprio corpo e ao mundo em que vivemos, para compreender/conceptualizar um domínio mais abstrato, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta. São, portanto, nossas experiências corpóreas que geram metáforas que subjazem à nossa língua.

É incontestável que surdos e ouvintes vivenciam experiências físicas e culturais de maneira diferente. Para os surdos, o sentido da visão é mais influente no processo de significação do mundo e aquisição de conhecimento do que o sentido da audição, uma vez que estes compreendem o mundo predominantemente através de experiências visuais (tanto é assim que fazem uso de uma língua visuo-

espacial). Partindo das afirmações anteriores, é importante verificar a manifestação metafórica na língua brasileira de sinais – libras, buscando-se compreender aspectos semânticos e pragmáticos existentes em tal língua, além de utilizar os resultados encontrados para a sustentação da teoria sociocognitiva da linguagem. Isto é o que tentaremos mostrar no presente trabalho.

É imprescindível para tanto, revisar sucintamente alguns conceitos fundamentais.

## **2. Pressupostos teóricos**

### **2.1. Sobre a linguística cognitiva e a teoria da metáfora conceptual**

Como bem define Silva (2001), a Linguística Cognitiva é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual. Segundo Fauconnier (1997), a linguagem e seu uso são partes de uma organização cognitiva maior que abrange modelos sociológicos e culturais, aprendizagem, desenvolvimento psicológico e projeções neurobiológicas. O que é observável na linguagem é, portanto, “a ponta do iceberg” da construção do sentido que ocorre quando falamos ou quando pensamos.

A linguagem sofre uma interação mútua com as demais capacidades cognitivas (percepção, categorização, atenção e memória). Assim, ao mesmo tempo em que a linguagem é parte integrante do pensamento e nos serve para o conhecermos, ela é responsável (como processo cognitivo que é) pela construção e estruturação do pensamento. Um dos mecanismos da linguagem que utilizamos para compreender o mundo em que vivemos é a metáfora.

Desde muito tempo, a metáfora é estudada em muitos domínios da investigação humana, sob uma perspectiva puramente linguística. As diferentes abordagens conceituavam metáforas e meto-

nímias como figuras de estilo, característica da linguagem literária e poética, partindo daí a finalidade estética e demarcação destas em relação à linguagem cotidiana.

As metáforas, nos termos de Lakoff & Johnson (1980), extrapolam seu uso na poética ou retórica e passam a ser encaradas como algo presente no dia a dia não só na linguagem, mas também no pensamento e na ação. O processamento da linguagem é altamente metafórico; portanto, se o conceito e a ação são estruturados metaforicamente, logo a linguagem também o é. Esses autores partem do pressuposto de que as orientações metafóricas não são arbitrárias, mas se baseiam na nossa experiência física e cultural. Muitos de nossos conceitos fundamentais são organizados em termos de uma ou mais metáforas, e a experiência com o mundo físico possibilita a formação de base para várias metáforas, sejam elas espaciais ou ontológicas. Por fim, as metáforas são conceptuais por natureza e são um dos nossos maiores caminhos para o entendimento. Tal abordagem proposta pelos autores passou a ser chamada Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) que deve à Teoria dos Espaços Mentais grande parte do que foi definido como “domínios”, “mapeamentos” e projeções. As metáforas conceptuais são então caracterizadas por apresentarem um domínio conceptual “A” bem estruturado (domínio fonte), um domínio conceptual “B” que carece de estruturação para efeitos de sua compreensão (domínio alvo) e um mapeamento que liga os domínios (projeção metafórica). Tal projeção de A em B é motivada naturalmente por uma correlação estrutural regular que associa A e B, e os detalhes deste mapeamento são motivados pelos detalhes da correlação estrutural, sendo a relação especificada de A para B. Para Lakoff e Turner (1989) a convencionalidade da metáfora varia na medida em que ela é mais ou menos automática e livre de esforço e indispensável (ou básica) na medida em que dispensá-la é mudar o modo de pensar.

Lakoff e Johnson (1980) definem três tipos de metáforas conceptuais: orientacionais, ontológicas e estruturais. As primeiras emergem de nossa experiência com nosso corpo em termos de orientação espacial (cima-baixo, dentro-fora, frente-atrás, centro-periferia), fornecendo rico subsídio para compreender conceitos em termos orientacionais (Ex.: *Acordei de alto astral, mas Camila está na fossa* – Metáfora *alegria* é para cima e *tristeza* é para baixo). As metáforas

*ontológicas* emergem de nossa experiência com objetos e substâncias físicas, e implicam em projetar características de entidade ou substância sobre algo que não tem essas características de maneira inerente (Ex.: Já estou de *cabeça cheia*, preciso de descanso - Metáfora *a mente é um recipiente*). Finalmente temos as metáforas estruturais que implicam em estruturar um tipo de experiência ou atividade em termos de outro tipo de experiência ou atividade (Ex.: Eu não vejo essa questão da mesma forma que você - Metáfora *compreender é ver*). As metáforas anteriormente definidas são denominadas metáforas básicas, pois seu uso é convencional, inconsciente, automático e tipicamente despercebido. Paralelamente às metáforas conceptuais temos as metonímias. Lakoff (1987) afirma que a metonímia tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra. Decifrar a metonímia consiste em chegar ao termo substituído, ou seja, ao referente que atende à dupla condição de ocupar a posição do substituto e manter com este relação de contiguidade (o gatilho é utilizado para referenciar a entidade alvo). A metonímia só pode ser entendida dentro de um cenário de uso da linguagem.

As metáforas podem participar da elaboração de esquemas imagéticos – EI – para fornecer nossa compreensão de domínios mais abstratos. Os EI formam-se através da percepção sensório-motora sobre as experiências humanas mais primitivas, e basicamente vividas espacialmente.

Mediante a definição apresentada, conclui-se que as metáforas, muito mais do que simples figuras de linguagem (como eram conceptualizadas há algum tempo) são instrumentos fundamentais às capacidades de comunicação e conceptualização do ser humano. São uma “janela” para os sistemas do conhecimento que são relevantes e centrais em uma determinada cultura.

## **2.2. Um pouco sobre a surdez e a libras – língua brasileira de sinais**

A surdez caracteriza-se por uma privação sensorial. As consequências de tal privação, no entanto, não se limitam às dificuldades

auditivas, sendo evidentes nos aspectos linguísticos, emocionais, educacionais, sociais e culturais.

Sabe-se que tanto a criança ouvinte quanto a surda balbuciam do mesmo modo. No entanto, aos três meses de idade a criança surda passa a não mais responder ao estímulo vocal. Mesmo com o déficit auditivo, esta criança possui capacidades para aprender e desenvolver uma língua, sendo que as crianças que nascem surdas ou que perdem a audição antes da aquisição de uma língua, muitas vezes não conseguem desenvolver a língua oral, havendo a necessidade da aquisição de outra forma de comunicação, que é o uso da língua de sinais (LS ou libras – Língua Brasileira de Sinais). Goldfeld (2002) afirma que esta é completamente desenvolvida e que quem a domina é capaz de expressar-se plenamente.

A aquisição de uma língua pela criança surda provoca um padrão de desenvolvimento cognitivo, isto é, as funções mentais inferiores -como a percepção da natureza, atenção involuntária e memória natural- quando são mediadas pela língua transformam-se em percepção mediada, atenção voluntária e memória mediada. Isto quer dizer que toda a cognição passa a ser determinada pela língua e sendo esta influenciada pelas características socioeconômicas e culturais, conclui-se que estes aspectos influenciam no desenvolvimento da cognição. A aquisição de uma língua pelo surdo é indiscutivelmente importante, mas o processo de aquisição pode ser efetuado de diferentes maneiras. Consideraremos no presente trabalho a filosofia educacional que apreende a língua de sinais na sua forma genuína pelos surdos: o chamado Bilinguismo, o qual tem sido difundido e apreciado, sobretudo, a partir da década de 90.

Goldfeld (2002) pontua que o Bilinguismo apresenta como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país. Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir e aceitar a sua surdez. De acordo com Silva (1999), o bilinguismo assume que a língua é uma importante via de acesso para o desenvolvimento do surdo em todas as esferas de conhecimento, propiciando a comunicação do sujeito com surdez com os seus pares e com os outros sujeitos, dando super-

te ao pensamento e estimulando o desenvolvimento cognitivo e social. Para a autora, a língua de sinais deve ser introduzida e adquirida precocemente, ou o desenvolvimento do surdo pode ser permanentemente retardado e prejudicado. Portanto, a surdez deve ser diagnosticada o mais cedo possível e as crianças surdas precisam ser postas em contato com pessoas fluentes na língua de sinais - sejam seus pais, professores ou outros. A aquisição desta língua de sinais viabilizará livre intercuro de pensamento, livre fluxo de informações, aprendizado da leitura e escrita e, talvez, da fala. Dessa forma perceberemos que na instauração real do bilinguismo, como bem define Goldfeld (2002), a língua de sinais é importante e imprescindível por possibilitar o domínio linguístico e a capacidade de expressar-se de forma plena e segura; e a língua oral ou escrita em Português possibilitará a comunicação com o meio.

Ainda nos dias atuais, infelizmente encontramos pensamentos distorcidos sobre a libras e as línguas de sinais. Alguns a definem como uma língua “inferior” e muitos outros sequer a conceptualizam como uma língua, daí a origem de muitos preconceitos relacionados à cultura e à comunidade surda. A libras assim como todas as línguas de sinais no mundo possui estrutura gramatical própria, variação linguística e é adquirida naturalmente, da mesma forma que as línguas orais, sendo importante via de acesso para o desenvolvimento do surdo em todas as esferas do conhecimento. Além disto, a língua de sinais propicia não apenas a comunicação do surdo com o ouvinte, mas também com o surdo, desempenhando a função de suporte do pensamento e de estimulador do desenvolvimento cognitivo e social.

A língua de sinais é considerada importante via de acesso para o desenvolvimento do surdo em todas as esferas do conhecimento, propiciando não apenas a comunicação do surdo com o ouvinte, mas também com o surdo, desempenhando também a função de suporte do pensamento e de estimulador do desenvolvimento cognitivo e social. Os sinais são formados por meio da combinação de formas e de movimentos das mãos e de pontos de referência no corpo ou no espaço. Sendo as metáforas baseadas em nossa experiência física e cultural, sabemos que conceitos fundamentais são organizados em termos de uma ou mais metáforas e que a experiência com o mundo físico possibilita a formação de base para várias metáforas. Considerando-se que os surdos experienciam o mundo muito mais “visual-

mente” do que “auditivamente” certamente a conceptualização de metáforas apresenta particularidades em indivíduos surdos. São estas particularidades que buscaremos demonstrar mais adiante.

### **2.3. Metáfora conceptual e libras**

Ainda são raros os estudos envolvendo metáforas conceptuais e línguas de sinais. No entanto, podemos encontrar pesquisas louváveis sobre o assunto, como as de Wilcox e Wilbur – na American Sign Language/ASL e Brennam na British Sign Language/BSL. No Brasil também começam a despontar trabalhos envolvendo o tema, como os de Faria e Frehse, ambos em metáforas e libras.

Wilcox (2000), grande pesquisadora em metáforas e LS, postula que o estudo das metáforas em língua de sinais não pode ser empreendido sem considerar a influência da cultura. E, considerando que as comunidades surdas se caracterizam por uma apreensão de mundo essencialmente visual, certamente o motor cognitivo visual tem uma importância na organização de elementos da cultura e varia de acordo com a organização social.

Como bem lembra a autora, os conceitos da comunidade surda sobre si se substituíram através dos anos, e as metáforas usadas para descrever seu grupo cultural de pessoas têm mudado também. Inicialmente as pessoas surdas descreviam-se através de termos como “silêncio”, e correntemente há uma tentativa de excluir o que se tornou um conceito frágil – silêncio – por termos como “vendo”, “visão”, ou “surdo”, como em “Dia da visão” ou “Dia da consciência Surda”, esforços que acentuam os aspectos positivos do grupo. Frehse (2007) faz uma importante interpretação sobre a colocação de Wilcox ao ressaltar que a organização conceptual abarca elementos da cultura aliada ao motor cognitivo visual. Em primeiro momento, a ausência de audição era o domínio fonte da metáfora, que vem sendo substituída pela visão, que realmente representa algo da experiência perceptiva destes sujeitos. É a substituição da falta de algo por uma experiência concreta que baliza uma organização cultural específica. A palavra “silêncio” representa uma metáfora “importada” da cultura ouvinte, uma vez que, do ponto de vista dos surdos congênicos, não há como faltar um sentido que nunca foi experimentado. A metafori-

zação da visão representa o que há de mais autêntico em termos da experiência perceptiva dos surdos.

Para Brito (1995) as metáforas orientacionais das línguas orais ocidentais coincidem com as encontradas na libras (para cima é bom como podemos constatar com o sinal de *melhor*, e para baixo é ruim como podemos constatar com o sinal de *pior*; futuro é para frente e passado para trás). Temos ainda sinais organizados por características icônicas, que são realizados em partes do corpo específicas (como o sinal de *pensar* que é realizado na cabeça, e o de *amor* que é sinalizado próximo ao coração), que pertencem muitas vezes a um campo semântico específico.

A mesma relação acontece entre as línguas de sinais orientais e as línguas orais do oriente. Kovecses (2002), ao discorrer sobre a abrangência das metáforas, observa que as metáforas são conceptualizadas de maneira diferente no ocidente e no oriente. A cultura oriental baseia-se em valores como paciência, persistência, equilíbrio e disciplina e é natural que as metáforas conceptuais geradas também espelhem tais características. O autor afirma, por exemplo, que todas as metáforas de “raiva” em inglês também podem ser encontrados em japonês. Porém, um grande número de expressões de raiva ocorre em torno do conceito japonês de *hara* (“barriga”). Este conceito culturalmente significante é exclusivo da cultura japonesa, portanto a metáfora *raiva no “hara”* limita-se ao Japonês. Wilcox (2000) complementa trazendo a comparação para o campo das línguas de sinais. Enquanto na ASL o sinal de alegria é para cima, com movimentos rápidos (o que reflete a sensação de alegria vivenciada pelos ocidentais), para surdos japoneses a alegria e o prazer geram efeitos calmos no corpo. Logo, na língua de sinais japonesa (JSL) o sinal de *alegria* move a cabeça lentamente para trás e para baixo. Outro exemplo de variação intercultural oriente/ocidente nas metáforas conceptuais em LS citado por Wilcox (2000) diz respeito ao pensamento. No Japão, a área em torno do umbigo é considerada o centro do pensamento, o que justifica o fato de os sinais relacionados a este terem início neste local. Nas línguas ocidentais, no entanto, o pensamento é sinalizado na cabeça, área relacionada à cognição em tal cultura.

Wilcox (2000 *apud* FARIA, 2003) faz uma interessante constatação sobre as metáforas ontológicas nas LS. Para ela, a informa-

ção neste tipo de metáfora pode ser metaforicamente colocada em um recipiente e manejada por meio de classificadores (CLs) e configurações de mão (CMs), via o conduto metáfora.

Os estudos envolvendo metáfora conceptual e as línguas de sinais estão ainda em estágio embrionário, mas é inquestionável seu papel fundamental na organização das LS e na funcionalidade do processo comunicativo dos surdos tanto com outros surdos como com ouvintes, e de ouvintes com os surdos, seja em âmbito educacional, cultural ou qualquer outro meio de socialização.

### 3. *Metodologia*

Como fora citado, o presente artigo constitui-se de um fragmento da pesquisa de mestrado da autora. A parte prática do trabalho foi concebida a partir de experiências desta com surdos (projetos e prática clínica no ano de 2005, 2006 e 2007, prática clínica e pesquisa direcionada no ano de 2010, além de interação informal em diferentes eventos comunicativos). O *corpus* constitui-se de expressões e sinais da língua brasileira de sinais, e fora gerado a partir da prática anteriormente citada e de materiais específicos direcionados à comunidade surda (vídeos educativos, fábulas, peças de teatro, material didático), tendo a pesquisa portanto caráter qualitativo-interpretativista. Tal corpus foi inventariado e minuciosamente analisado, por meio de gravações, fotografias e transcrições; passando-se pelas seguintes etapas: levantamento do corpus, seleção, reflexão sobre este e, por fim, uma análise detalhada.

A análise do trabalho objetiva verificar se as metáforas conceptuais propostas por Lakoff e Johnson podem ser encontradas na libras, buscando a verificação da coerência com o sistema metafórico proposto pelos autores, tendo por finalidade esclarecer que a libras, uma língua rica como todas as outras com estrutura e gramática próprias e naturalmente adquirida, também possui rico arsenal metafórico originado de atos pragmáticos.

#### **4. Corpus gerado**

Para o presente trabalho, selecionamos parte do corpus coletado na pesquisa de mestrado. Faremos uma amostra dos sinais isolados que apontam para a proposta de Lakoff e Johnson, considerando-se modelos culturais e a variação intercultural.

##### **4.1. Sinais culturais coletados: variação cultural e libras (Sc)**

###### **Sc1 Alegria**



###### **Sc2 Pensamento/ Raciocínio**



**Sc3 Abril****Sc4 Atenção**

(Dicionário da Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br>. Acesso em: 03-04-2010)

**5. Análise do corpus**

Ao analisar o *corpus* gerado, com base nos pressupostos de Lakoff e Johnson (1980) podemos chegar a algumas reflexões sobre as metáforas conceptuais e a língua brasileira de sinais (libras). No presente recorte (Variação Cultural e Libras), foi realizada uma análise com base em padrões e experiências culturais.

O primeiro sinal “alegria” (Sc1) foi analisado considerando-se a metáfora “bom é para cima”. Esta conceptualização emerge de nossa experiência com nosso corpo em termos de orientação espacial (cima-baixo, dentro-fora, frente-atrás, centro-periferia) e é imprescindível para o entendimento conceitual em termos orientacionais. Tal sinalização é realizada de forma positiva e mais “eufórica”, com movimentos rápidos e ascendentes e expressão facial mais aberta e

alegre, o que evidencia os processos corporais gerados pela sensação de alegria tanto para ouvintes quanto para surdos membros da cultura ocidental—que conceptualiza a “alegria” desta forma. Em contrapartida, na língua de sinais japonesa (JSL) o sinal para alegre move a cabeça para trás e para baixo, pois, na cultura oriental, alegria e prazer produzem efeitos calmos no corpo.



**Sc1**

A mesma comparação pode ser feita com os sinais representativos do pensamento, do raciocínio e da inteligência. Em nossa cultura, o centro do pensamento e do conhecimento é o cérebro, portanto os sinais relacionados a tais processos serão realizados na parte frontal da cabeça, como em Sc2 (pensamento). Na cultura oriental (oral e na JSL), a área em volta do umbigo e tórax denominada “hara” é considerada o centro do pensamento. Logo, diferentemente a cultura ocidental, os sinais relacionados ao pensamento se iniciam nesse local.



**Sc2**

A análise de concepções culturais aparece também se analisarmos alguns sinais da libras que só são compreendidos em termos

de vivências pertencentes à cultura brasileira. O sinal de “Abril” (Sc3), por exemplo, é realizado por um movimento que representa uma força. Tal sinal é utilizado para representar o mês, pois sabemos (por vivenciar a cultura brasileira) que Tiradentes, mártir da inconfidência mineira, foi condenado à força e morto em abril, mês em questão. Tal sinal não faria sentido, por exemplo, na American Sign Language (língua de sinais americana – ASL) pelo fato de os americanos não partilharem com os brasileiros tal vivência cultural.



**Sc3**

Para finalizar a análise cultural, traçaremos um paralelo entre a cultura ouvinte e a cultura surda. Como citado anteriormente, houve uma mudança na conceptualização da cultura surda e uma maior valorização do sentido da visão com relação à audição, o que não é nada absurdo considerando-se que os surdos experienciam o mundo muito mais pelos “olhos” que pelos “ouvidos”. Como defende Wilcox (2000) o traçado metafórico não pode ser entendido sem se buscar o impacto da cultura, e pessoas surdas usam seus olhos para propósitos funcionais além do que os usam os ouvintes, e nesse sentido, a metáfora nas línguas de sinais parecem estar orientadas pela visão, sendo este o sentido primordial no processo de significação e conceptualização de pessoas surdas. Assim, observamos que a sinalização de termos como atenção, interesse, desejo e percepção dentre muitos outros é referenciada no campo visual. Temos então diferentes metáforas geradas que trazem à tona o sentido da visão do surdo como primordial na definição de vários conceitos como em Sc4 (“atenção” sinalizada pelo dedo indicador apontando para o olho, - evidenciando a importância da visão no ato de manter-se atento, concentrado- diferentemente da cultura ouvinte, na qual muitas vezes representamos a atenção na “orelha”, remetendo-a ao ato de ouvir).

**Sc4**

Dadas todas as considerações anteriores, não restam dúvidas sobre o papel fundamental das metáforas na organização das línguas de sinais, e sua importância no processo de conceptualização dos indivíduos surdos, falantes de tais línguas.

## **6. Considerações finais**

Os resultados aqui encontrados são condizentes com os estudos de Wilcox para a língua de sinais americana (ASL) e Brito (1995) para a Língua Brasileira de Sinais. Do ponto de vista da semântica cognitiva, a presente pesquisa sustenta a hipótese de que a libras, assim como todas as línguas -sejam elas orais ou não- são riquíssimas em processos metafóricos.

Vimos que as experiências corporais, as vivências culturais e a interação comunicativa -ou seja, os diferentes processos cognitivos experiencialmente orientados- são responsáveis pela geração de estruturas conceituais de vários tipos.

O foco do presente estudo, não foi a procura por metáforas específicas do sistema metafórico da língua brasileira de sinais -o que requer pesquisas mais complexas e enorme aprofundamento e vivência com a comunidade surda- mas verificar a adequação do sistema proposto por Lakoff à libras, o que se efetiva.

Confirma-se, então, a evidência de que as experiências que os indivíduos vivenciam, a visão pragmática que estes têm do mundo e a forma como o experienciam é constituída por concepções socioculturais e cognitivas que são diferentes para os falantes de diferentes

línguas, independentemente de partilharem o mesmo espaço físico (como surdos e ouvintes).

Acredita-se ter lançado hipóteses e deixado pistas que podem ser utilizadas em outras análises envolvendo a metáfora conceptual e as línguas de sinais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, L. F. *Por uma gramática da língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FARIA, S. P. *A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos*. Dissertação de mestrado em Letras. Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2003.

FAUCONNIER, G. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University, 1997.

FREHSE, P. *Psicanálise e surdez: metáforas conceituais da subjetividade em libras*. Dissertação de mestrado em Letras. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexus, 2002.

KOVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

SILVA, A. S. *Linguagem e cognição: a perspectiva da linguística cognitiva*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa (Faculdade de Filosofia de Braga). 2001

SILVA, M. P. *A construção dos sentidos na escrita do sujeito surdo*. 1999. Dissertação de mestrado em Educação. UNICAMP, Campinas, 1999.

WILCOX, P. *Metaphor in American Sign Language*. Washington: Gallaudet University Press, 2000.